



PARTICIPE!

Cartilha destinada a empresas para reconhecer e apoiar vítimas de violência doméstica no ambiente de trabalho



Apresentação

Esta cartilha foi desenvolvida com o intuito de informar empresas à respeito da violência doméstica e dos Direitos das Mulheres, além de mostrar como podem contribuir positivamente na luta contra a violência através do programa Tem Saída, que atua na garantia da autonomia econômica das vítimas.

Introdução

O Brasil, atualmente, ocupa o quinto lugar no ranking mundial de feminicídios, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH). Segundo o site Agência Brasil, na comparação com 2022 e 2023, os dados mostram São Paulo como o único estado a ultrapassar mil eventos de violência - alta de 20,38% (de 898 para 1.081).

Segundo o mesmo site, no ano de 2023, ao menos oito mulheres foram vítimas de violência doméstica a cada 24 horas no país, os dados referem-se a oito dos nove estados monitorados pela Rede de Observatórios da Segurança. São milhares de mulheres que sofrem com agressões físicas e psicológicas, seja através do uso de armas de fogo e facas ou com xingamentos e ameaças. Existem, ainda as mulheres que não conseguem sair do ambiente de violência e sofrem agressões durante toda a vida.

Esse conjunto de agressões é o que chamamos de violência de gênero, pois são resultado da visão que a sociedade tem em relação à mulher e sobre seu papel nela, remetendo à submissão.

Nesta cartilha, você encontrará informações sobre como reconhecer e apoiar uma mulher que seja vítima de violência e esteja dentro do seu ambiente de trabalho. Este material também auxiliará a impactar positivamente a vida de milhares de mulheres por meio de experiências e boas práticas de empresas que possuem parceria com o programa Tem Saída.

O programa é uma das formas de romper com o agressor, uma vez que a liberdade econômica e financeira contribui para que a mulher conquiste pelo menos parte da sua independência e autoestima.

O programa

O Programa Tem Saída é uma política pública realizada pela Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho, em parceria com a Defensoria Pública do Estado de São Paulo, o Ministério Público do Estado de São Paulo, Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, a ONU Mulheres Brasil e a OAB-SP, que busca promover a inclusão econômica de mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

Esse conjunto de esforços busca promover a reinserção dessas no mercado de trabalho, para que com autonomia financeira e apoio das demais políticas públicas, a mulher possa sair do ciclo de violência em que está inserida. Seu principal objetivo é viabilizar a independência financeira de mulheres, através do próprio trabalho e geração de renda, contando com o apoio da iniciativa privada que disponibiliza vagas e oportunidades de empregos exclusivas para as beneficiárias. As empresas são sensibilizadas e capacitadas para acolher as vítimas e trabalhar com elas.

Parceiros e atuações

A violência contra a mulher deve ser combatida por vários ângulos, por isso o programa conta com vários parceiros a fim de criar uma rede de proteção e assistência para você!



Atua na mobilização de empresas e na captação de vagas e oportunidades de trabalho. Coordena junto às empresas os processos seletivos, prestando apoio e acompanhando às beneficiárias.



Oferece orientação jurídica de forma gratuita. Atende vítimas de violência através do NUDEM - Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos das Mulheres, e as encaminha para o programa.



Cabe à Ordem dos Advogados do Brasil dar apoio ao trabalho dos órgãos de Justiça nesse processo, prestando todo apoio jurídico necessário ao Programa.



A Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Poder Judiciário (COMESP), atua no combate e prevenção à violência de gênero, fornecendo subsídios técnicos para a formulação de políticas judiciárias e atuando na interlocução com a rede de atendimento à mulher.



Sensibiliza empresas para combaterem a violência doméstica, capacitando-as ao programa. As empresas são incentivadas a participarem do "Pacto Global" e do programa "7 Princípios de Empoderamento das Mulheres".



Promove ações penais de responsabilização dos autores de violência doméstica e familiar e solicita medidas protetivas. Desenvolve ações de orientação às mulheres em situação de violência, capacitação de profissionais da rede de atendimento às mulheres, fiscalização de políticas públicas, etc.

Empresas parceiras

As empresas apoiadoras do programa disponibilizam vagas exclusivas para as mulheres vítimas de violência doméstica. Todas as empresas parceiras passam por processo de sensibilização e treinamento para entenderem da forma mais completa possível como

lidar com as beneficiárias e com o tema da violência dentro de suas organizações. Se sua empresa deseja participar do programa Tem Saída, oferecendo vagas e contratando participantes, mande um e-mail para: temsaida@prefeitura.sp.gov.br

O que é violência de gênero?

A violência de gênero é uma forma de violência física ou psicológica praticada contra qualquer pessoa, ou grupo de pessoas, se utilizando como base o seu sexo ou gênero, impactando de maneira negativa no bem-estar social, físico e/ou psicológico da vítima. De acordo com a Organização das Nações Unidas o termo é funcional ao distinguir a violência comum daquela que se dirige ao indivíduo, em relação ao seu gênero. Isso significa que essa violência da qual

sofrem muitas mulheres, provavelmente, é praticada pelo seu agressor por acreditar que homens devem exercer sua força de dominação e potência sobre elas, preceitos que devem ser desconstruídos na nossa sociedade.

A violência de gênero, como fenômeno social, encontra-se presente em todas as classes e em diversas culturas, e é nosso trabalho lutar para que essa forma de violência não mais aconteça.

O que é violência doméstica?

A essência da violência doméstica consiste num padrão de violências coercitivas, que podem ser físicas, sexuais, psicológicas e verbais. A violência coercitiva acontece quando o agressor acredita que a mulher fez algo “errado”, como por exemplo não servir o jantar na hora que ele quer, e por conta disso, se utiliza de agressões para punir e repreender a vítima. Muitas vezes a violência doméstica inclui comportamentos controladores, como a insistência em isolar a vítima de amigos e

familiares, o monitoramento constante e restrições de todos os tipos - desde roupas até lugares que devem ser frequentados. As diferentes formas de violência podem se apresentar de maneiras muito diferentes, podendo ser, por vezes, de difícil percepção. Em muitos casos a violência física é precedida por outras formas de violência, como a violência psicológica ou a patrimonial, e é muito importante que a mulher esteja atenta à esses sinais e procure ajuda caso julgue necessário.

magnitude do problema

X

mercado de trabalho

Apesar de todo esforço para combater a violência doméstica nos mais diversos níveis no país, os números só vêm crescendo

Em 2022, **3.913** mulheres foram mortas no país. Destas **1.350** foram vítimas de feminicídio.

Apenas em **2020**, as polícias civis do país registraram **mais de 230 mil casos** de lesão corporal dolosa por violência doméstica.

Em 2022, **53,3% das mulheres participavam da força de trabalho**, enquanto a taxa masculina era de 73,2%.

Em março/2023, existiam 8,6 milhões de pessoas desocupadas no Brasil, delas **54,4% eram mulheres**.

No ano de 2020, foram mais de **105 mil denúncias** de violência contra a mulher, registradas nas plataformas do **Ligue 180** e **Disque 100**.

Destas **75,7 mil denúncias** (72%) são registros de violência doméstica e familiar.

Uma em cada três mulheres (cerca de 736 milhões de pessoas) é submetida à violência física ou sexual ao longo da vida.

Fontes:

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos - ACNUDH

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2024)

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua IBGE - PNAD Contínua IBGE

Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos - MMFDH

Organização Mundial da Saúde - OMS



Quando tratamos de mercado de trabalho, as mulheres são o grupo com menores oportunidades:

Dados do Ministério do Trabalho e Emprego (mar.2024), apontam que as mulheres ganham 19,4% a menos que os homens no Brasil. Em cargos de dirigente e gerentes, por exemplo, a diferença de remuneração chega 25,2%.

Apenas 32,6% das empresas têm políticas de incentivo à contratação de mulheres; o valor é ainda menor quando se consideram grupos específicos de mulheres: negras (26,4%); mulheres com deficiência (23,3%); LBTQIAP+ (20,6%); mulheres chefes de família (22,4%); mulheres vítimas de violência (5,4%), segundo pesquisa do Ministério do Trabalho e Emprego.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dados divulgados no Dia Internacional da Mulher, 08/03/2024, no Brasil, mulheres são mais escolarizadas que os homens. Entre a população com 25 anos ou mais, elas somam 21,3% das pessoas que têm o nível superior completo, contra 16,8% dos homens.

A desigualdade salarial é uma realidade em todo o país. Na região Sudeste, nos cargos de liderança/chefia onde a remuneração é melhor, as mulheres ocupam somente 34,8% dos cargos, contra uma representatividade masculina de 65,2%, segundo o IBGE/2023, demonstrando que a baixa participação das mulheres no mercado de trabalho é mais que uma questão social, é também um problema econômico.

Para uma mulher que não é vítima de violência, o mercado de trabalho já é algo difícil e muitas vezes impossível. Imagine para uma mulher que sofre com a violência dentro da própria casa?

Rompimento de ciclos de violência doméstica

Empoderamento econômico e financeiro

No árduo processo de rompimento deste ciclo de violência, o empoderamento econômico e financeiro da mulher pode se apresentar como uma peça-chave para a superação da situação violenta à qual está sujeita.

Muitas vezes as mulheres que são vítimas de violência doméstica e familiar possuem os seus direitos econômicos e financeiros negados por aquele que pratica a violência, não podendo trabalhar, ou tendo que entregar seus salários e rendimentos

para o agressor. Muitas dessas mulheres ainda são dependentes financeiramente do agressor, o que faz com que a quebra desse ciclo seja mais complicada.

Ao estimular a colocação profissional de mulheres que se encontram nessa situação, procuramos romper com esses padrões de atuação violenta que atuam na subjugação desta mulher, empoderando-a e tornando possível a busca por uma independência cada vez maior de seus agressores.

Por que empoderar mulheres economicamente?

A mulher é, muitas vezes, o elo econômico mais fraco, por conta dos motivos colocados nesta cartilha e por acumular mais papéis do que o homem, sendo a maior responsável por cuidados da casa e da família. Este cenário se torna pior, quando consideramos raça e classe social.

O empreendedorismo e a independência financeira são questões essenciais no debate da violência contra a mulher, já que podem se tornar a maneira mais efetiva de sair de situações de agressão doméstica, através do empoderamento econômico.

Muitas mulheres que ainda são vítimas de violência possuem dificuldades em romper com esses ciclos e é aqui que devem entrar os esforços conjuntos entre iniciativas econômicas e iniciativas de prevenção à violência contra a mulher.

O empoderamento financeiro liberta!

Atuação da iniciativa privada

O que a sua empresa pode fazer para combater a violência doméstica a qual podem estar sujeitas as suas próprias funcionárias?

—
Gerar um ambiente acolhedor e conscientizar as funcionárias sobre a violência doméstica. Muitas mulheres sentem vergonha de dividir suas histórias de agressão. O papel das empresas é de trabalhar a informação na comunicação interna, em palestras de conscientização e rodas de conversa, de forma a não julgar, mas dar apoio, fortalecer e orientar essa mulher, além de fornecer palestras para os homens também.

—
Com base nessas conversas, treinar funcionários da liderança a identificar evidências de violência doméstica. As vítimas perdem, em média, 18 dias de trabalho por ano apenas por consequência direta da violência. Além disso, essas mulheres sofrem com perda de produtividade, capacidade de decisão, carreiras mais instáveis e maiores riscos de desenvolver depressão, e todos esses sinais podem servir como indicadores de uma situação de violência pela qual essa mulher possa estar passando.

—
Disponibilizar um canal telefônico ou digital no qual as funcionárias possam buscar apoio psicológico e jurídico, além de sanar dúvidas a respeito de onde conseguir auxílio.

—
Não suprimir o papel do Estado, mas sim ampliar a rede de apoio às vítimas, criando ambientes seguros de escuta para denúncias e tendo acesso à rede de apoio à mulher que é vítima para poder instruí-la na busca de auxílio sobre os serviços existentes.

—
Tentar sempre entender qual é a necessidade da vítima – se ela precisa de auxílio jurídico, financeiro, psicológico ou alguma ação em específico como mudança na rota do fretado para garantir mais segurança ao chegar em casa, adiantamento de férias, abono de faltas, ou transferência para outra localidade.

—
Manter uma comunicação ativa interna a respeito do tema, com rodas de conversa, workshops, pesquisas sobre violência doméstica com os funcionários para mapear o que pensam e entendem sobre o tema, eventos com convidadas especializadas, entre outras iniciativas.

O **Tem Saída** também se preocupa em auxiliar as empresas a iniciarem essa conversa. Então procure o programa para começar a abordar este tema tão importante nas suas empresas!

Boas práticas

As empresas parceiras do Tem Saída são aconselhadas a encontrar soluções que podem ser replicadas, apresentando importantes avanços no combate coletivo a qualquer forma de violência doméstica e familiar da qual podem sofrer suas funcionárias.

Quando entram no programa, as apoiadoras passam por treinamento e sensibilização junto a Equipe Técnica dos Parceiros Institucionais, que dão dicas, oferecem opções, e networking para que a empresa esteja confiante e segura de sua atuação.

Como você deve agir neste combate?

Se perceber que uma de suas colaboradoras está em situação de violência doméstica, o ideal é traçar junto a vítima um plano de segurança. Procure estabelecer uma relação de confiança, evite julgá-la, infantilizá-la, ou pior, culpá-la pelo ocorrido. Para a boa comunicação o certo é que ela seja ouvida, sem que o confidente pressuponha algo, lembre-se: cada história é única.

Na hora de aconselhá-la, cuidado com propostas irreais e equivocadas. Nunca faça promessas! Quando uma vítima se aproximar de você e confidenciar as violências sofridas, ela confia em você, e por isso, você acaba se tornando essencial, seu apoio faz toda a diferença e seu papel é fundamental!

Recursos não verbais

As vítimas por vezes apresentam os sinais de que algo não está certo através da linguagem visual. O contato visual, postura, tom de voz e inquietações podem ser pistas para identificar agressões.

Perguntas abertas X fechadas X indiretas

As perguntas servem para entender a gravidade da situação da vítima, ou até mesmo gerar uma comunicação com a mulher. Perguntar demonstra interesse e pode ser um bom recurso para fazê-la se libertar do medo da denúncia e pedir auxílio!

Cuidado para não começar a perguntar sem antes estabelecer um contato seguro com a mulher. Se ela não confia em você, ou não te têm como amigo/a, não irá confidenciar e se fechará ainda mais.

Abertas: busca entender a vítima e a situação - *"Como foi pra você?"*; *"Como você enfrentou isso?"*; *"Poderia me falar um pouco mais sobre isso?"*... Caso não haja abertura necessária, pode gerar na mulher uma atitude defensiva. Evite sempre o uso de "porquês".

Fechadas: perguntas específicas para problemas específicos. Quem pergunta decide o tom e o teor da conversa - *"Você está com o agressor?"*; *"Você já o deixou antes?"*

Indiretas: dá a chance da pessoa responder (ou não) e contribui na melhora do clima durante a conversa, fazendo com que a vítima não se sinta tão envergonhada ou pressionada. *"Estou aqui pensando, deve ser difícil"*; *"Você parece se sentir mais forte hoje"*.



Se você se interessou pelo trabalho do Programa Tem Saída e gostaria de se juntar a nós no Combate à Violência Contra a Mulher, não hesite em nos contatar.

Junte-se a nós para combater a violência e melhorar a vida tanto destas mulheres como a de suas funcionárias atuais, abrindo espaços em sua equipe para o diálogo, para o acolhimento e para novas profissionais.

temsaida@prefeitura.sp.gov.br
3224-6000 (ramais 6216 ou 6503)
Captação de vagas CATe - 3357-2400

